

Autor: Leandro Gomes de Barros

História de Roberto do Diabo



Ed. Esp. 3M. IN. Biblioteca Nacional do Cordel

Autor: Leandro Gomes de Barros

HISTÓRIA DE ROBERTO DO DIABO

Na província da Normandia
na remota antiguidade
viveu o duque Alberto
cheio de fraternidade
era ele o soberano
de toda aquela cidade.

Ela era um moço solteiro
não pensava em casamento
não era por egoísta
nem por ser rico avarento
era porque no futuro
nunca pensou um momento.

Disse um vassalo ao duque:
sei que é bom ser solteiro
o homem que não se casa
vai caminhar sem roteiro
veja bem que seu roteiro
veja bem que seu ducado
mais tarde precisa herdeiro.

O duque ouvindo estas frases
mudou logo o pensamento
ficou crendo no vassalo
naquele mesmo momento
e disse que nas mãos dele
estava o seu casamento.

Seguiu então o vassalo
foi dar parte na cidade
aquelas pessoas doulas
de alta capacidade
que o duque prometia
fazer a sua vontade.

Ficaram todos contentes
foram então consultar
qual era a moça capaz
daquele duque casar
depois da consulta feita
poderam então acertar.

A duqueza de Borgonha
foi essa a moça escolhida
eles seguiram com medo
desta jornada perdida
mas ela mandou o sim
da proposta referida.

Eu poucos dias depois
tiveram então de casar
foi uma festa tão grande
que nem se pode contar
eu não conto neste livro
pra ele não aumentar.

Depois dos jovens casados
ficou tudo satisfeito
porque mais tarde teriam
quem punisse o seu direito
o ducado tinha herdeiro
e o povo tinha conceito.

Desta vez caíram eles
num dos maiores enganos
porque o diabo impera
em todos seres humanos
pois vieram ter família
já com dezessete anos.

Com seis anos de casados
estando ele no jardim
disse a duquesa ao marido:
um de nós é o ruim
se acaso somos perfeitos
porque vivemos assim?

O duque disse a ela:
não posso contradizer
se eu casasse com outra
nada havia de acontecer
quanto nada uns 5 filhos
eu havia de os ter.

Disse ela ao marido:
eu tenho cá para mim
que se casasse com outro
não me sucedia assim
embora que o senhor diga
que meu pensamento é ruim.

— Senhora, o que me aflige
no momento derradeiro
é nós não termos um filho
que seja o nosso herdeiro
eu morro, fica o ducado
nas mãos de um estrangeiro.

Estas palavras pra ela
causou tanta apreensão
o seu desgosto foi tanto
mudou até de feição
ficou quase alucinada
na mesma ocasião.

O duque então conheceu
que a mulher endoidecia
saiu com ela a passeio
para ver se a distraía
quanto mais ele agradava
mais ela se consumia.

No outro dia a duqueza
amanheceu melhorada
chamou o marido e disse:
não tenho culpa de nada
porque se fosse por mim
talvez não tivesse casada.

— Toda familiaridade
é Deus quem a determina
eu por não ter concebido
não vou queixar-me da sina
que tudo isso depende
da Providência Divina.

Tristonha e amargurada
vivia a jovem duqueza
junto com o seu marido
na mais profunda tristeza
porque não tinha um filho
que herdasse sua riqueza.

Disse a duqueza ao marido
conversando a este fim:
se eu conceber, um filho
não quero ele pra mim
o diabo que tome conta
já que eu sou tão ruim!

— Ao diabo ofereço
tudo que de mim nascer
não importa que conceba
ou deixe de conceber
um ente assim como eu
não presta nem pra morrer

Quando ela terminou
aquele assunto assombroso
o diabo que na matéria
se julgava prodigioso
fez a mulher ficar grávida
de um modo misterioso.

O diabo mostrou que era
infame e tentador
naquela concepção
foi uma cena de horror
foram 9 meses de grávida
foram 9 meses de dor.

Durante a gravidez
perdeu da vida a esperança
porque já não suportava
os abalos da criança
entretanto era o diabo
exercendo tal vingança.

Quando aproximou-se a hora
de nascer esse inocente
veio um grande nevoeiro
de lado do Ocidente
que acinzentou o espaço
é escureceu de repente.

Eram dez horas do dia
quanto o menino nasceu
o firmamento agitou-se
o oceano gemeu
sentindo o caso estupendo
que no mundo aconteceu.

Corria o povo na rua
com medo do furacão
vendo os prédios abalados
ao retumbar do trovão
e os coriscos fuzilando
do espaço até o chão.

Pediam misericórdia
por tanta temeridade
corria um fogo rasteiro
pelas ruas da cidade
queimando quem encontrava
sem ter dó nem piedade.

Viu-se o céu aglomerado
e o mar dando bramido
todo povo procurava
saber o que tinha sido
depois vagou a notícia
que Roberto tinha nascido.

Foi muito grande a aflição
que esse duque se viu
porque o palácio dele
onde a duquesa pariu
sendo este o mais seguro
foi quem primeiro caiu.

Quando amanheceu o dia
todo povo da cidade
seguiu uns após outros
com honra e capacidade
dar parabéns ao duque
por tanta felicidade

O duque por sua vez
mostrava se consolado
porém achando seu filho
muito mal assinalado
pensou que fosse um castigo
que Deus tivesse mandado.

Entregaram esse menino
a três amas pra criar
todas três se ocupavam
somente em dar de mamar
com 2 dias enfraqueceram
não puderam sustentar.

Com 3 dias de nascido
a todos deu o que fazer
chupava os peitos das amas
que só faltava morrer
pegaram carne e farinha
deram pra ele comer.

Com cinco meses depois
ele sabia falar
andava e corria tudo
sem ninguém lhe ensinar
toda brincadeira dele
só era pra judiar.

Rapidamente cresceu
mesmo nessa pouca idade
se avultava o tamanho
dobrava a perversidade
fazer mal a todo mundo
era o que tinha vontade.

Quando tinha sete anos
não respeitava ninguém
arrombava a casa alheia
não perguntava a quem
queimava o que tinha dentro
e achava que estava bem.

Quando encontrava 1 menino
mesmo sendo camarada
avançava em cima dele
dava tanta bofetada
quebrava braços e pernas
dizendo: é por caçoadas.

Todos os pais de família
residentes no ducado
recomendavam aos filhos:
andem com muito cuidado
só podem sair na rua
Roberto estando amarrado.

Juntaram-se trinta rapazes
uns de faca, outros de espada
foram lutar com Roberto
porém não serviu de nada
destes o que não morreu
saiu de perna quebrada.

Disseram os que escaparam:
aquele ninguém dá cabo!
toda pessoa que via
esse satanás de rabo
dizia aos outros: fujamos
lá vem Roberto do Diabo!

Já era tão conhecido
esse monstro traiçoeiro
vagava a trêda notícia
no continente estrangeiro
repercutindo o estrondo
nas áreas do mundo inteiro.

Já o duque envergonhado
com o tal procedimento
vendo Roberto assassino
malvado, sanguinolento
julgava que a doutrina
lhe mudasse o pensamento.

Mandou chamar logo 1 mestre
homem de muita instrução
cortês, honesto e honrado
como fosse, um cortezão
entregou Roberto a ele
na mesma ocasião.

O duque que já vivia
capaz de perder o tino
disse ao mestre em voz alta:
o que fizer eu assino
doravante o seu trabalho
é ensinar este menino.

Pegou o mestre ensinando
com muita calma e cuidado
porém Roberto do Diabo
insolente e desgraçado
tudo quanto ele aprendia
só era pra ser malvado.

Um dia saiu na rua
fazendo muita insolência
matando, quebrando perna
sem doer-lhe a consciência
então foram ao mestre dele
pedir-lhe a providência.

O mestre repeliu ele
prometendo castigar
Roberto disse ao mestre:
acho melhor não falar
no mundo não nasceu homem
que possa me dominar.

O mestre ainda falou
pra ver se ele temia
porém Roberto zangou-se
partiu como tanta ousadia
deu-lhe quatro punhaladas
botou-o na campa fria.

Toda cidade agitou-se
de ver tanta tirania
o duque por sua vez
quase morre de agonia
vendo seu filho Roberto
as desgraças que fazia.

Assim foi ele crescendo
até que ficou rapaz
seu diabólico gênio
aumentava cada vez mais
quem visse ele julgava
ser filho de satanás.

O duque já não sabia
o que devia fazer
para seu filho Roberto
a mais ninguém ofender
chamou-o à sua presença
para dar-lhe um parecer.

Quando Roberto chegou
o duque lhe disse assim:
meu filho, largue esta vida
deixe de ser tão ruim
a consciência me diz
que será triste teu fim.

Disse Roberto a seu pai:
não quero seu parecer
o que tenho no pensamento
o senhor pode saber
inda não fiz nem um quarto
do que pretendo fazer.

O duque já censurado
quase no mundo inteiro
não só no país natal
como pelo estrangeiro
deliberou a fazer
de Roberto um cavalheiro.

Julgando ele que o filho
porque tinha pouca idade
e depois de colocado
na alta sociedade
ele ficasse emendado
de tanta perversidade.

Quando foi no outro dia
mandou um encarregado
avisar todos os príncipes
residentes no ducado
pra se acharem em palácio
naquele dia marcado.

Juntaram-se os príncipes todos
nacional e estrangeiro
mandaram chamar Roberto
o bandido cangaceiro
deram a ele um bom cavalo
gordo, possante e ligeiro.

Deram-lhe mais uma espada
uma lança e um facão
ele depois de montado
já parecia um dragão
os olhos tão penetrantes
como a chama dum vulcão.

Quando começou as juntas
Roberto saiu primeiro
meteu a lança no peito
de um príncipe estrangeiro
este morreu de repente
sendo o melhor cavaleiro.

Quando se deu essa morte
o povo se reminou
contra Roberto do Diabo
tudo alí se revoltou
Roberto matou quatorze
desses nenhum escapou.

Levantou-se contra ele
todo povo da cidade
ele cutelava o povo
sem ter dó nem piedade
horrorizava quem visse
por tanta barbaridade.

O duque se horrorizava
vendo o povo se acabar
Roberto matando tudo
ninguém podia o matar
ficou sozinho na praça
sem ter mais com quem brigar.

Roberto se viu sozinho
toda cidade fechada
não foi mais para o palácio
seguindo por uma estrada
juntando outros companheiros
de vida bem depravada.

Isso ele encontrou logo
que gente ruim não faltava
saiu por toda Normandia
roubando o que encontrava
casada, moça e viúva
tudo ele desonrava.

Quando via uma choupana
se alguém quisesse fugir
ele botava-lhe fogo
sem o dono pressentir
e mandava cercar a casa
para o povo não sair.

O povo fazia queixas
ao duque e a duqueza
vendo Roberto do Diabo
fazer tanta malvadeza
sem haver quem desse jeito
abrandar-lhe a natureza.

O duque com essas queixas
tinha tanta compaixão
de ver seu povo sofrendo
aquela conspiração
vendo a hora que Roberto
fazia-lhe uma traição.

Viviam os pais de Roberto
todo dia em devoção
entregando o filho a Deus
na mesa da comunhão
pra ver se ele um dia
mudava a má condição.

O duque tinha um amigo
que era de confiança
foi um dia e disse a ele
eu tive uma lembrança
mandando chamar Roberto
eu creio que ele amansa

É exato que Roberto
é malvado e desordeiro
mas se ele conhecesse
a vida dum cavalheiro
eu creio que ele ficava
mais manso que um cordeiro.

O duque então animou-se
e ficou muito contente
participou a duqueza
disse ela: felizmente
talvez que por este meio
nosso filho seja gente.

Quando foi no outro dia
o duque tinha juntado
sessenta homens dispostos
tendo um encarregado
e foram atrás de Roberto
dar-lhe o seguinte recado.

Com dois dias de viagem
eles puderam saber
que Roberto estava no monte
era custoso de o ver
sendo uma viagem longa
muito arriscado a morrer.

No mesmo dia encontrou
por um enormeroteiro
trinta homens bem armados
sendo chefe um cangaceiro
antes de falar com eles
ameaçou-os primeiro.

Aí travou-se uma luta
depois de muitos abatidos
os mensageiros do duque
se achavam quase vencidos
gritaram pedindo paz
afinal foram atendidos.

Lhes disse o encarregado
o duque foi quem mandou
que eu viesse ao monte
como de fato, aqui estou
para falar com Roberto
se me consente, eu vou.

Lhe disse o adversário:
nos desculpe, meu rapaz
pessoas do duque Alberto
mal aqui ninguém lhes faz
se eu soubesse há mais tempo
vocês passavam em paz.

Daí seguiram viagem
cortando aquele deserto
e com três dias depois
já se achavam mais perto
até que depois chegaram
aonde estava Roberto.

Roberto vendo esse povo
ficou muito admirado
disseram logo a Roberto
que o duque tinha mandado
saber de sua saúde
e dar-lhe mais um recado.

— Seu pai mandou lhe dizer
que o senhor fosse pra lá
nós todos por uma boca
aconselhamos que vá
porque não sendo assim
creio que lhe surte má.

— O duque já está cansado
de tanto lhe aconselhar
o senhor nunca aceitou
mas hoje tem que aceitar
se não quiser ir por gosto
eu mando lhe castigar.

Roberto ouvindo esta voz
ficou como um cão danado
mordia os beiços e a língua
já de semblante mudado
depois gritou aos capangas:
quero este povo amarrado!

Os capangas ouvindo o grito
de Roberto, seu patrão
partiram em cima do povo
ferozes como um leão
de um a um amarraram
de pé, cabeça e mão.

Depois de tudo já preso
pegou Roberto a pensar
se deixava eles vivos
ou se convinha matar
qual era a melhor maneira
que tinha pra se vingar.

Pegou um grande punhal
de ponta bem aguçada
arrancou os olhos de todos
parece que não fez nada
e mandou-os levar ao duque
em paga da embaixada.

Roberto soltou os cegos
e disse que fossem embora
eles temendo a morte
não tiveram mais demora
guiava um cego outro cego
todos por ali afora.

Depois que os cegos saíram
Roberto ficou zangado
rogando praga a si mesmo
como um endiabrado
dizendo que o seu pai
era um monstro condenado.

Quando chegaram em palácio
tudo de olho arrancado
o duque ficou suspenso
no meio do salão pasmado
a duqueza estava perto
caíu para outro lado.

Quando voltaram a si
ficaram tão pensativos
mandaram chamar o médico
pra fazer os curativos
dando mil graças a Deus
por terem ficados vivos.

Ficaram 60 cegos
o duque era quem sustentava
calçados, roupas e comida
tudo era ele quem dava
uma criada e dinheiro
pra eles nunca faltava.

O duque pensava tanto
só faltava enlouquecer
desde já resignado
— Sucedo o que suceder
Deus tome conta de tudo
não tenho mais que fazer.

Ficou Roberto no monte
com a corja de ladrão
roubando o que encontrava
por vila e povoação
abrindo pessoas vivas
e arrancando o coração.

Onde Roberto passava
ninguém podia passar
porque uma ave agoureira
não deixava de cantar
chamando de hora em hora
o diabo pra lhe ajudar.

A província da Normandia
estava quase um deserto
o povo se retirando
os que moravam mais perto
porque temiam passar
onde habitava Roberto.

Roberto que era um monstro
de um gênio descomunal
se apartou dos companheiros
naquele bosque infernal
seguiu pela mata à dentro
buscando a quem fazer mal.

Encontrou sete ermitões
que já vinham de arribada
sabendo a notícia dele
íam deixando a morada
caíram sempre nas mãos
daquela fera assanhada.

Roberto quando viu eles
pegou a ranger os dentes
mordia os beiços e a língua
quase como uma serpente
puxou por uma espada
e chegou-se mais pra frente.

Todos seis se ajoelharam
pedindo por caridade:
senhor Roberto não nos mate
por um Deus de piedade
peço pelas três pessoas
da Santíssima Trindade!

Roberto que não sabia
o que era compaixão
só conhecia os caprichos
de seu brutal coração
cortou dos sete a cabeça
deixou-os prostrados no chão.

Daí seguiu a jornada
procurando a quem matar
adiante ouviu uma voz
brandamente lhe falar
disse três vêzes: Roberto
Deus há de te castigar!

Respondeu Roberto a voz:
te arma vamos lutar
pois eu em cima do mundo
não achei com quem brigar!
Disse-lhe a voz outra vez:
Deus há de te castigar!

Saiu Roberto a procura
para ver se encontrava
se aquilo era uma voz
ou pessoa que falava
ele pouco mais ou menos
deste mistério cismava.

Essa cisma para ele
causou-lhe grande pavor
poucos minutos depois
foi encontrando um pastor
assim que viu disse logo:
de mim não tenha temor.

Ficou Roberto tocado
desde daquele momento
do poder do Espírito Santo
e do Divino Sacramento
vivendo com Deus na boca
e Jesus no pensamento.

Roberto aí conheceu
que não estava direito
voltou pra casa dos pais
pra ver se lhe davam um jeito
pedindo perdão ao povo
de tudo que tinha feito.

Quando o povo viu Roberto
entrar na cidade armado
com a espada na mão
vinha todo ensanguentado
quem não entrou nas casas
subiu-se pelo telhado.

Roberto foi ao palácio
mas o duque não estava
e a duquesa trancou-se
conhecendo quem falava
alguém que ficou na rua
corria ou se trancava.

Roberto bateu na porta
a todos tratando bem
— Minha mãe, abra esta porta
pelo amor que me tem
em nome de Deus eu juro
não fazer mal a ninguém!

A duqueza abriu a porta
porém um pouco cismada
porque ela há muitos anos
que vivia conspirada
e mesmo naquele monstro
não confiava mais nada.

A duqueza viu Roberto
cair em seus pés chorando
ela tomou-o nos braços
diz ele se lastimando:
bote-me a sua bênção
e continuou soluçando.

Ela quando viu o filho
tornar-se tão paciente
ficou muito satisfeita
regosijada e contente
e perguntou o motivo
dele ser tão insolente

Disse Roberto à duqueza:
por esta mesma razão
é que estou em vossos pés
pedindo o vosso perdão
quero saber o que houve
na minha concepção

— A senhora não se lembra
quando a mim concebeu
se rogou alguma praga
ou se alguém ofendeu?
Me seja mais positiva
diga, o que foi que se deu?

— Se eu tivesse a certeza
que já nasci praguejado
pela senhora ou o duque
já eu me tinha emendado
talvez eu nunca chegasse
ao ponto que tenho chegado!

A duquesa ouvindo isso
caíu prostrada no chão
dizendo a ele chorando:
filho, tens toda razão
eu entreguei-te ao diabo
na tua concepção.

Roberto deu-lhe uma síncope
ficou sem poder falar
amortecido no chão
isto somente em pensar
o que fazia no mundo
para Deus lhe perdoar.

Quando ele voltou a si
a mais ninguém conhecia
estava tão atribulado
em vez de falar tremia
todo banhado em lágrimas
por esta forma dizia:

— Oh! Deus que hora minguada
da minha concepção
antes de eu vir ao mundo
vivia na maldição
foi minha mãe que atirou-me
na vala da perdição!

— Ah! maldito tentador
por ti tornei-me assassino
vivi sobre teus enganos
desde o tempo de menino
praticaste a covardia
no gênero feminino!

— Eu tenho sido guiado
por teu caminho infeliz
do meu viver diabólico
todo mundo contradiz
pedem justiça a meu Deus
pelos crimes que já fiz!

— Mas vós, Senhor, perdoastes
aquele ente imundo
que vos levou ao suplício
naquele abismo profundo
perdoa também Roberto
maior pecador do mundo!

Roberto dizia isso
contrito no coração
nos pés da mãe ajoelhou-se
chorando pediu perdão
pediu que dissesse ao duque
que lhe botasse a benção.

Daí Roberto seguiu
para sua residência
onde estava os ladrões
vivendo de insolência
porém quando viram ele
renderam-lhe obediência.

Roberto saudou a todos
dizendo a um homicida:
não se faz mais insolência
quero esta ordem mantida
hoje pretendo mudar
este sistema de vida.

Aí levantou-se tudo
cada qual com mais façanha
foram dizendo a Roberto:
se entrar em luta não ganha
assim para que nos trouxe
aquí pra esta montanha?

Disse Roberto a eles:
a mim ninguém ameaça
estou da parte de Deus
porém não temo a desgraça!
Aí travou-se uma luta
cobriu-se o mundo em fumaça.

Com uma hora de luta
estava tudo esbandalhado
Roberto no meio deles
parecia um cão danado
depois de ver todos mortos
ficou então descansado.

Daí seguiu para Roma
por um caminho estreito
dormiu na casa dum primo
porém não teve conceito
tudo isso em recompensa
dos males que tinha feito.

Aí não quiseram vê-lo
fecharam logo o portão
ele foi para a igreja
rezando uma oração
mas ninguém acreditava
que fosse de coração

Roberto foi a um monge
para pedir confissão
esse teve tanto medo
valeu-se do sacristão
afinal ambos correram
não lhe prestaram atenção.

— Ó meu Deus, que sina a minha
valei-me nesta aflição!
Tenho vivido no mundo
nas trevas da maldição
hoje não acho quem queira
ouvir-me de confissão!

Quando o monge assim ouviu
Roberto se lastimar
disse a ele: vá pra Roma
procure se confessar
porque o Sumo Pontífice
dá jeito a lhe perdoar.

Roberto seguiu pra Roma
só se ocupava em rezar
lá ninguém queria vê-lo
não teve onde se arrancar
e os guardas do Pontífice
não lhe deixaram entrar.

Quando foi no outro dia
voltou para a devoção
meteu-se por entre o povo
levado muito empurrão
desta vez chegou ao Papa
e lhe pediu confissão.

— Quem és tu? pergunta o Papa
quando ele se ajoelhou
Roberto lhe respondeu:
não posso dizer quem sou
sou o ente mais imundo
que a natureza criou.

— Serás Roberto do Diabo?
(o Papa lhe disse assim)
que todo mundo reclama
por ele ser tão ruim?
Todo povo é contra ele
ninguém o pode dar fim?

Disse Roberto em soluços
sou eu o monstro tirano
o meu nome é Roberto
do Diabo, por engano
fui o parto mais sem sorte
de todo genero humano.

O Papa confessou ele
na mesma ocasião
depois mandou-o para o monte
onde estava o ermitão
porque ele era quem podia
dar-lhe absolvição.

Roberto chegou no monte
ansioso procurava
a casa do ermitão
para ver se encontrava
depois encontrou a casa
onde o ermitão morava

Quando Roberto viu ele
caiu de joelhos no chão
este saiu da morada
pegou ele pela mão
levou-o pra uma capela
e mandou-o fazer oração.

Roberto ficou orando
e o ermitão voltou
quando caíu a tardinha
que Roberto terminou
de fazer suas orações;
quis voltar, não acertou.

O ermitão nessa noite
passou fazendo oração
pedindo a Deus que fizesse
a sua revelação
dá penitência a Roberto
e a sua absolvição.

Às quatro da madrugada
quando o ermitão dormia
no silêncio matutino
no amanhecer do dia
desceu do céu uma voz
por esta forma dizia:

— Desperta, homem de Deus
manda Roberto pra Roma
se fingindo doido e mudo
conservando este sintoma
e os sobejos dos cachorros
seja a comida que coma.

Quando findou-se a conversa
o ermitão despertou
foi logo para a capela
onde Roberto ficou
para dar-lhe a penitência
conforme Deus lhe mandou.

Disse o ermitão a ele:
Deus te mandou para Roma
se fingindo doido e mudo
conservando este sintoma
e os sobejos dos cachorros
seja a comida que coma.

Ele ouviu a penitência
e teve absolvição
daí partiu para Roma
por ordem do ermitão
fazendo sua penitência
contrito de coração.

Entrou Roberto em Roma
nesse miserável estado
fazendo muitas misuras
correndo pra todo lado
seus olhos tão vacilantes
como dum alucinado.

Juntou-se em roda dele
aquela rapaziada
uns lhe voavam peteca
outros lhe davam pancada
Roberto agüentando tudo
não podia fazer nada.

Andava a plebe na rua
toda numa multidão
uns lhe puxavam os cabelos
outros lhe davam empurrão
outros cuspiam na cara
e findavam em mangação.

Vivia o pobre Roberto
na maior da inclemência
bebendo fel de amargura
e durante a penitência
foi ele o segundo Job
relativo a paciência.

Roberto viu-se com fome
nada podia fazer
entrou na casa do rei
para dar-lhe a conhecer
que estava necessitado
com precisão de comer.

Quando Roberto chegou
na sala da refeição
pegou com muitas misuras
fazendo letras no chão
o rei achando engraçado
e prestando bem atenção.

O rei estava jantando
perto dele tinha um cão
sendo este muito bravo
ninguém lhe passava a mão
só mesmo o imperador
mas outra pessoa, não.

O rei voou ao cachorro
um osso muito carnudo
Roberto foi ao cão
como era doido e mudo
tomou-lhe a carne da boca
e comeu com osso e tudo.

O cão nem se remexeu
no lugar em que se achava
o rei olhou pra Roberto
vendo a fome que ele estava
mandou preparar comida
pra ver se ele aceitava.

Roberto vendo a comida
se pôs com muito gracejo
se fazendo que não tinha
daquilo o menor desejo
porque se achava obrigado
comer dos cães o sobejo.

O rei por experiência
inda sacudiu um pão
para o cachorro comer
Roberto foi com a mão
tomou, comeu a metade
e deu o resto ao cão.

Esta vida de Roberto
causava admiração
ser amigo dum cachorro
mais feroz que um leão
domindo e comendo juntos
na mais perfeita união.

O rei tinha um vassalo
um almirante pagão
era homem poderoso
ao rei propôs questão
era um esteio da pátria
que presidia a nação.

O vassalo era solteiro
precisava de casar
o rei que tinha uma filha
era muda e singular
foi pedida em casamento
porém o rei não quis dar.

O almirante zangou-se
tratou de juntar gente
formou uma grande esquadra
foi ele mesmo na frente
entrou nas terras do rei
como um bandido insolante.

O rei se vendo abatido
ficou muito indignado
mandou tomar as trincheiras
nos limites do Estado
pra reagir ao bandido
aonde fosse encontrado.

No outro dia bem cedo
encontrou o inimigo
com oito horas de luta
o rei dizia consigo:
se eu não me retirar
creio que estou em perigo.

Quando foi no outro dia
o almirante atacou
todo o exército do rei
de um por um amarrou
o rei também não foi preso
porque ali não passou.

Roberto ficava triste
com as notícias que ouvia
as derrotas da cidade
que o almirante fazia
sabendo que noutro tempo
ele sozinho vencia.

Roberto nesta aflição
ouviu uma voz dizer:
um cavalo e boas armas
a ti hão de aparecer
vai defender o teu rei
que não merece morrer.

Então Roberto animou-se
e seguiu para o jardim
lá encontrou um cavalo
mais alvo do que marfim
trazendo todo armamento
sobre a capa do selim.

O cavalo era encantado
ali ninguém pressentiu
nem quando ele chegou
nem quando ele saiu
a filha muda do rei
foi a única que viu.

Roberto vendo o cavalo
ficou pasmo de alegria
meteu se logo nas armas
que o cavalo trazia
da forma que ele ficou
nem mesmo o rei conhecia.

Seguiu logo à toda pressa
pra onde estavam brigando
todo o exército do rei
já ia se retirando
na hora desta aflição
já Roberto chegando.

Roberto gritou dizendo:
anima, rapaziada
agora chegou um homem
que nunca temeu a nada
nunca ví ninguém valente
no gume de minha espada!

Entrou Roberto na luta
como quem vinha danado
com meia hora depois
não tinha nenhum soldado
o que não tinha morrido
por si tinha arribado.

O rei ganhou a vitória
o almirante perdeu
porque os soldados dele
foi raro o que não morreu
Roberto fez tudo isso
depois desapareceu.

Roberto chegou em casa
entrou no seu aposento
despediu-se do amigo
e entregou-lhe o armamento
aí sumiu-se o cavalo
naquele mesmo momento.

Disse o rei aos vassalos:
eu o que hei de fazer
pra pegar aquele homem
que nos salvou de morrer?
Embora que eu não pague
quero ao menos conhecer.

Disse o rei aos vassalos:
eu tenho na minha mente
que o mundo não cria mais
outro homem tão valente
como o do cavalo branco
que defendeu minha gente.

Nisto foi chegando a muda
começou logo a contar
que o louco era quem ía
lá para os campos brigar
disse o rei: é por aceno
eu não posso acreditar.

Mandaram chamar a dama
que estava acostumada
a conversar com a muda
qualquer história passada
a dama explicou tudo
o rei não deu crença a nada.

O rei tornou-se grosseiro
para a muda e a dama
dizendo: como um louco
pode gozar essa fama?
Quem come com os cachorros
e faz do monturo cama?

Dizia o almirante:
como é que fui vencido
quase por um homem só
já tinham os outros morrido?
Brevemente irei ao campo
porém eu vou bem munido.

Tratou de juntar gente
pra todo mundo saber
com quem ele conversava
só se vingava em dizer:
agora só vou ao campo
para matar ou morrer.

Em poucos dias depois
ele já tinha juntado
vinte mil homens possantes
tudo muito bem amado
no dia que'entrou em Roma
foi um serviço pesado.

O rei sabendo a notícia
seguiu para encontrá-lo
com 6 mil homens a pés
e outro tanto a cavalo
procurando o inimigo
pra quando o visse matá-lo.

Tiveram o primeiro encontro
na entrada da cidade
o almirante que vinha
ansioso de vontade
de uma descarga que deu
morreram mais da metade.

O rei conhecendo a morte
mandou tocar retirada
o almirante era bruto
não quis atender a nada
chegaram mais para frente
fizeram fogo à vanguarda.

Nesta hora estava o louco
muito triste e pensativo
chegou o cavalo e disse:
Roberto, sejam ativos
vai defender o teu rei
talvez não seja mais vivo.

Não se sabe explicar
Roberto como ficou
botou as armas na cinta
no cavalo se montou
ligeiro como um relâmpago
em dez minutos chegou.

Aí debandou-se tudo
até mesmo o almirante
vendo que perdia a vida
arribou no mesmo instante
o rei foi dono do campo
daquela data por diante.

Aí todos se lembraram
do que o rei disse primeiro
que quando houvesse batalha
segurassem o cavaleiro
pra ver se recompensava
aquele herói forasteiro.

Juntou-se o resto do povo
que do rei tinha ficado
cercaram o cavalo branco
que Roberto ía montado
Roberto voou por cima
foi cair no outro lado.

Um dos vassalos do rei
foi quem mais se interessou
quando viu que não pegava
com a lança lhe atirou
porém a lança quebrou-se
dentro o pedaço ficou.

Eles apanharam a lança
para ver se conferia
com o outro pedacinho,
que dentro da perna ía
tomaram essa precaução
para ver se descobria.

Roberto seguiu pra casa
vendo que estava ferido
entregou o armamento
ao seu cavalo querido
esse desapareceu
e por ninguém foi conhecido

Roberto ficou puxando
e com trabalho tirou
o pedacinho da lança
que na perna se enterrou
debaixo de uma pedra
foi ele mesmo e guardou.

Tudo isso a muda viu
quando Roberto chegou
que o cavalo despediu-se
e quando se retirou
e o pedacinho da lança
aonde ele botou.

No mesmo dia juntou-se
muita gente no reinado
uns que vinham da batalha
outros que tinham brigado
contente pela vitória
e triste por outro lado.

Disse o rei em alta voz:
o homem não se pegou?
Eu de longe estava vendo
o povo que o cercou
não teve um dos senhores
que visse onde ele passou?

Então lhe disse um vassalo:
eu vendo tudo perdido
que não pegava o homem
nem ele era conhecido
atirei-lhe com a lança
o homem ficou ferido.

— A lança bateu na perna
com muita força entrou
o homem é tão ligeiro
que até a lança quebrou
um pedaço estou com ele
e outro ele levou.

O rei com estas palavras
encontrou facilidade
de mandar pegar os homens
que houvessem na cidade
examinar um por um
pra conhecer a verdade.

Assim mesmo concordaram
mandaram logo pegar
todos homens que haviam
residentes no lugar
examinaram um por um
mas não puderam encontrar.

Quando o rei desenganou-se
que não lhe aparecia
o distinto cavalheiro
que sempre lhe defendia
mandou fazer um edito
e publicou no outro dia.

Dizia assim o edito:

“a todos faço ciente

“apareça o cavalheiro

“que defendeu minha gente

“casará com minha filha

“dou-lhe o trono de presente”.

O almirante que estava

para se suicidar

dizia consigo mesmo:

vou hoje me apresentar

a gente quando se arrisca

é pra perder ou ganhar.

Montou num cavalo branco

que ele tinha comprado

pegou um ferro de lança

agudo e muito amolado

enfiou na perna esquerda

e seguiu com ele enfiado.

Quando ele chegou na corte

ao rei se apresentou

o rei dizia consigo:

como este homem escapou?

O almirante tão cínico

como quem nunca brigou.

Lhe disse o almirante:

vendo-me certificar

segundo há um edito

que ontem eu vi pregar

que quem fosse o cavalheiro

podia se apresentar.

— Sou eu o tal cavalheiro
agora vou vos provar
de um ferimento que tenho
que não pude me livrar
o ferro quebrou-se dentro
inda não pude tirar.

Aí regassou a calça
e o rei observou
o pedacinho da lança
que o almirante enfiou
o rei de nada sabia
seriamente acreditou.

Então o rei perguntou-lhe:
tu não eras meu rival?
Como foste a meu favor
naquela renha fatal?
São estes um dos exemplos
que nunca vi outro igual.

— Eu fiz a comparação
de fazer guerra ao senhor
quando lhe via perdido
ia ser a seu favor
eu não posso fazer guerra
onde deposito amor.

O rei acreditou tudo
no que lhe disse o pagão
deu-lhe a filha em casamento
contra a sua opinião
porque ele era um crente
de outra religião.

Ficou o pagão na côrte
como uma mosca tonta
olhava todos de banda
dizendo ele: está na ponta!
Porém a princesa muda
dele não fazia conta.

Trataram de arrumação
a tudo deram andamento
distribuíram cartões
de alto merecimento
de forma que só faltava
o dia do casamento.

Foi naquele santo dia
que houve a revelação
do Eterno para o anjo
disse para o ermitão:
vai avisar a Roberto
que Deus manda-lhe o perdão.

Seguiu logo o ermitão
com a maior brevidade
porém chegando na côrte
achou em festividade
a princesa ía casar
bem contra sua vontade.

O ermitão foi ao templo
e o Pontífice também
com dois ou três cardeais
que ali sempre ele tem
estando eles todos juntos
é quando a princesa vem.

Vinha muito acompanhada
daquela alta nobreza
ela fazia isso tudo
obrigando a natureza
quando ela entrou no templo
foi usando de franqueza.

Porém como Deus é justo
não traz ninguém enganado
mostrou ali um fenômeno
que ficou tudo abismado
fez essa muda falar
que nunca tinha falado.

Disse a muda a seu pai:
o senhor vive enganado
fazer com que eu me case
com um homem falsificado
covarde, corrupto e falso
insolente e depravado.

— Se eu casar-me com ele
será horrendo o meu fim
este nunca lhe ajudou
como é que diz assim?
Quem lhe ajudou na batalha
foi o louco do jardim.

— Sou a melhor testemunha
porque a tudo assistí
da janela do meu quarto
todas as vêzes eu vi
quando fui participar-lhe
disse o senhor que menti.

— O pedacinho da lança
eu ví quando ele puxou
posso ir agora mesmo
mostrar onde ele botou;
então seguiram com ela
e o almirante arribou.

Foi tudo para o jardim
pra ver se a muda mentiu
disse ela: tirem esta pedra
aí todo mundo viu
o pedacinho da lança
e com o outro conferiu.

Naquele grande cortejo
se achava o ermitão
que tinha vindo do monte
por uma revelação
dar um aviso a Roberto
que Deus lhe dava o perdão.

Foram onde estava Roberto
o encontraram deitado
o rei vigiou-lhe a perna
que a lança tinha furado
a ferida estava aberta
inda não tinha sarado.

Aí descobriu-se tudo
lhe disse o ermitão:
Roberto, estás perdoado
e tive a revelação
Deus mandou eu vir aqui
para te dar o perdão.

Roberto disse chorando:
Oh! bom Deus de piedade
salvastes a um ente imundo
autor da perversidade
por tão pequeno trabalho
nas obras da caridade.

— De todo gênero humano
fui eu o ente mais ruim
considerarei-me perdido
para século sem fim
sigo os vossos mandamentos
pra que vos lembreis de mim!

A muda ficou contente
vendo o que o louco dizia
porque as suas façanhas
um grande amor lhe cendia
se não casasse com ele
também outro não queria.

O rei vendo aquela cena
ficou muito horrorizado
de ver a muda falar
contando o que foi passado
e ver um doido varrido
no seu primitivo estado.

O imperador lhe disse
cheio de fraternidade:
Roberto, serás um príncipe
da alta sociedade
casarás com minha filha
com a maior brevidade.

Aí ficou todo povo
cheio de contentamento
quando foi no outro dia
a tudo deram andamento
só faltava uma semana
pro dia do casamento.

Quando findou esse prazo
então Roberto casou
nos países da Europa
onde a notícia chegou
foi a festa mais galante
que o mundo realizou.

Ficou Roberto em Roma
feito império da nação
era muito generoso
amava a religião
governou com paciência
pela constituição.

Viveu Roberto casado
no seio da confiança
tiveram um filho único
que ficou como lembrança
foi Ricarte da Normândia
dos doze pares de França.

————— Fim —————



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA**

1973 — 1990

17 ANOS ENSINANDO E APRENDENDO



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).